

□ A polícia está investigando o derrame de tiquetes falsos de combustível da Associação de Servidores da Câmara Legislativa

Pág. 2

Cidades

PLANO PILOTO

SATÉLITES

GEOECONÔMICA

Brasília, quarta-feira, 4 de agosto de 1993

□ O Colégio Militar de Brasília aumentará o número de vagas e terá cursos vespertinos já a partir do ano que vem

Pág. 6

SLU reativa usina e evita colapso

João Júnior

A Usina Central de Tratamento de Lixo da Ceilândia, que estava paralisada desde o dia 16 de junho, voltou a funcionar ontem com a metade de sua capacidade original de processamento de lixo, que era de 600 toneladas por dia, em média. Com isto, será revertida a tendência de esgotamento dos aterros sanitários (como o do Lixão, na Via Estrutural), que estavam saturados e agora poderão ter maior vida útil. Inicialmente, será processado o lixo de Ceilândia, Taguatinga e parte de Samambaia, mas o Plano Piloto também será beneficiado se a usina voltar a operar com toda a sua capacidade, como espera o Serviço de Limpeza Urbana.

"Teremos enormes ganhos ecológicos, econômicos e sociais", destaca o superintendente do SLU, Luís Flores. A usina trabalha com dois tipos de materiais. O orgânico é transformado em fertilizante e vendido diretamente para os produtores rurais, e com a reativação da usina o Distrito Federal poderá economizar divisas com a importação de adubos.

O material reciclável, que não é processado na usina, é separado e

vendido através de licitação. Matérias-primas como papel, papelão, vidros e alumínio são retiradas do lixo. "Com isto, é menor a necessidade de se extrair estes produtos da natureza", ressalta Luís Flores.

Nas duas primeiras horas de funcionamento, ontem, a usina processou 102 toneladas de lixo, e apenas uma das linhas de processamento está funcionando. Desde que a usina foi inaugurada, em 1987 (tendo começado a funcionar efetivamente em 1988), sempre teve que enfrentar problemas com a falta de equipamentos e peças de reposição. No dia 16 de julho, o GDF liberou uma verba de Cr\$ 3,2 bilhões para a reativação, que deveria ocorrer, de acordo com o cronograma elaborado pelo SLU, somente na segunda quinzena deste mês.

Até o final deste mês, um grupo de técnicos do SLU e da Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec) entregará ao governador Joaquim Roriz propostas para a melhoria do funcionamento da usina, e uma das alternativas sob avaliação é a administração parcial pela iniciativa privada.

FOTOS ARQUIVO



A Usina de Tratamento de Lixo da Ceilândia voltou a funcionar ontem evitando o esgotamento do aterro sanitário da via Estrutural

Detritos reaproveitados

Ano	Lixo Processado T	Composto Orgânico T	Rejeito + Perdas T	Recicláveis (T)
1988	111.639,0	63.266,3 (56,68%)	43.598,3 (39,06%)	4.774,4 (4,28%)
1989	115.385,8	60.716,9 (52,63%)	49.883,9 (43,24%)	4.785,0 (4,15%)
1990	124.708,6	64.843,9 (52%)	55.831,0 (44,78%)	4.033,7 (3,24%)
1991	122.183,3	49.884,12 (40,83%)	67.637,4 (55,36%)	4.661,8 (3,82%)
1992	125.810,4	55.610,9 (44,21%)	66.213,5 (52,63%)	3.906,9 (3,11%)
1993	15.025,7	6.269,9 (41,73%)	8.272,0 (55,06%)	483,7 (3,22%)

Fonte: Chefia da Usina

Obs.: Os dados de 1993 se referem aos meses de janeiro a junho

DF terá bolsa de recicláveis

Ainda neste mês o GDF poderá anunciar uma série de novidades sobre o processamento de lixo no DF. Técnicos do SLU e Sematec estão avaliando o desempenho da Usina Central de Tratamento da Ceilândia, com a incumbência de apresentar sugestões para a melhoria de sua eficiência. Além da terceirização dos serviços, uma outra possibilidade é a criação de uma bolsa de mercadorias recicláveis.

Atualmente, os materiais recicláveis separados pela usina só podem ser comercializados através de licitações. Se o governador Joaquim Roriz aprovar a idéia, eles poderão ser leiloados aos interessados. Outra medida em estudo é o da bioremediação dos solos dos aterros sanitários, que consistiria num tratamento especial a estes terrenos, para que tivessem maior vida útil.

"Temos poucas áreas disponíveis no Distrito Federal para serem utilizadas como aterros ecológicos. Então, devemos aumentar a vida útil dos que já existem, e esta é outra proposta que estaremos encaminhando ao governador Joaquim Roriz", afirma Luís Flores, acrescentando que alguns locais que poderiam ser aproveitados como aterros estão



Flores: falta área para novos aterros

situados em Áreas de Proteção Ambiental (APAs) ou em cabeceiras de nascentes de rios.

A criação de uma bolsa de mercadorias para os materiais recicláveis poderá esbarrar em restrições jurídicas, mas do ponto de vista técnico, a proposta é viável, segundo o superintendente do SLU, que destaca a importância econômica deste tipo de iniciativa. "O SLU não tem receita própria, e, como todo o Governo do Distrito Federal, precisa trabalhar sempre no limite das dificuldades financeiras".

Central processa 600 toneladas

A Usina Central da Ceilândia é a maior do DF, com capacidade para operar com 600 toneladas de lixo por dia, em duas linhas de processamento, das quais apenas uma está funcionando. As outras duas usinas, são menores e de compostagem (transformação do material orgânico em fertilizante): a da Asa Sul e a Usina Piloto de Brazlândia. Ainda na Ceilândia, no Setor P-Sul, existe uma usina de incineração de lixo hospitalar.

Com a crise financeira e a falta de peças de reposição, os técnicos da usina da Ceilândia tiveram que recorrer à criatividade para continuar trabalhando. Com os higienizadores, a usina realizava a biodigestão do lixo orgânico, que era transformado em fertilizante através de um processo acelerado de maturação.

Mas o primeiro higienizador quebrou em janeiro, e o segundo

em abril, e a maturação precisou ser feita num processo mais lento, mas com a mesma eficácia. Segundo o chefe da Usina Central, Cláudio Antonio Peres, o lixo que não pôde ser processado ficou nos pátios da usina, pois a frota do SLU não tinha condições de fazer o transporte até o Lixão.

O lixo começa a ser processado numa peneira mecânica, que separa o material por tamanho, através do processo de granometria. Conforme conta o chefe da usina, o lixo passa em seguida por tração, através de eletroímã, e é triturado por um moinho. Antes, o material passava pelos biodigestores, que custam cerca de 30 por cento do valor total da Usina.

"Quando faltam equipamentos, recorremos a soluções caseiras, para não deixar a população sem o serviço", afirma o engenheiro mecânico Cláudio Antonio Peres.

A Usina Central de Tratamento de Lixo da Ceilândia foi construída pela empresa Carioca S.A., que foi a responsável pela sua operação até agosto do ano passado, quando terminou o contrato com o GDF.



A usina transforma lixo orgânico em fertilizante e separa o material reciclável

Operacionalização completará 6 anos

A Usina da Ceilândia foi inaugurada no dia 14 de setembro de 1987. Depois de ser inaugurada, a usina ficou quatro meses desativada por desajustes na operação, e o GDF decidiu contratar a firma construtora para realizar também o tratamento do lixo. O SLU ficou responsável pela limpeza da usina, captação de material e movimentação de massa orgânica.

O complexo ocupa uma área de 250 mil metros quadrados no setor P-Sul da Ceilândia, empregando 225 funcionários. Além do prédio da usina, o sistema é formado pelo edifício da administração, oficina de apoio e galpão de armazenamento de materiais reciclados.

Nos dois primeiros anos de funcionamento, a usina processou mais de 250 mil toneladas de lixo, com uma produção diária de 145 mil toneladas de composto orgânico e 15 mil 500 toneladas de reciclados. O SLU trabalhava nesta fase com 80 caminhões no transporte de lixo para a usina, provenientes de Taguatinga, Ceilândia, Gama, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina e Plano Piloto.

A maior parte do lixo produzido na cidade vai para a usina do P-Sul, e o restante é destinado ao aterro do Jóquei, perto da Via Estrutural (conhecido popularmente como Lixão), e para a usina da Asa Sul, na Avenida das Nações. A compostagem do lixo demora, a céu aberto, uma média de 60 dias. Quando funciona com toda a sua capacidade, a usina pode executar este processo em quatro dias.

A primeira fase da operação é a recepção, composta por um fosso com três mil e 500 metros cúbicos para estocagem do lixo domiciliar e de duas pontes volantes com garras para alimentação das linhas de processamento. A fase da separação vem logo depois, com peneiras giratórias para classificação de material, separadores balísticos, separadores pneumáticos, separadores magnéticos e transportadores de catação. E nesta etapa que são aproveitados os materiais recicláveis: papel, papelão, plástico fino, plástico grosso, latas, vidro, trapo e metais não-ferrosos.

A fermentação é a última etapa da compostagem. Os restos de alimentos, de papel, de frutas e de outras matérias orgânicas vão para o higienizador, onde é feita a fermentação do lixo. Nesta fase, há apenas o acompanhamento técnico dos operadores. (Colaborou Cedoc).